

JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO,
AINDA



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO, AINDA

Prefácio de
Luiz Francisco Rebello



1998

Editor: Hugin - Editores, Lda.
Apartado 1326 - 1009 Lisboa Codex
Tel.: (01) 813 01 39 - Fax: (01) 814 42 12
Email: hugin@esoterica.pt

Grafismo: Júlio Sequeira

Composição e maquetagem: Hugin - Editores, Lda.

Montagem, impressão e acabamento: Sociedade Astória, Lda.

ISBN: 972-8310-85-4

Depósito Legal: 127731/98

Primeira edição: Outubro de 1998

QUANTOS CAIXOTES SÃO PRECISOS PARA CONTER UMA REVOLUÇÃO?

Quando falamos do teatro de Jaime Salazar Sampaio é usual referir o desdobramento das personagens em vários "eus" que continuam a ser apenas um. E de imediato evocamos a heteronomia de Pessoa.

Num universo de quarenta e quatro peças editadas, este traço nem sempre está presente, mas quando ressurge, parece-me mais interessante procurar o que lhe é peculiar, do que evocar outros autores.

"E se. Por acaso. Ainda.", é o mais recente caso de alteridade da personagem que o autor deu à luz em finais de 1997. Outra peça emerge no arquivo da minha memória: "Junto ao Poço", escrita em 1964.

A acção, nestes dois monólogos, pode ser encarada como o resultado de uma crise aberta das personagens. Motivo? A rejeição. O estado de exclusão social em que se encontram. Para se ilibarem de qualquer sentimento de culpa ou incompetência, estas "pessoas" projectam parte de si e criam um alter-ego. Em ambos os casos o conflito interior materializa-se numa situação irreal: a personagem luta para atribuir a culpa a um outro, que afinal é ele próprio.

Em "Junto ao Poço" o outro eu é Fernando. Projecção do lado mais íntimo e elevado do Luís. Com sentimentos delicados e ideais incorruptíveis atirou-se para o fundo de um poço há